

GÊNERO DE TEXTO COMO UM (MEGA)INSTRUMENTO PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM HUMANA

Joaquim Dolz¹
Bernard Schneuwly²
Milena Moretto³
Cleide Inês Wittke⁴

Trazemos a público mais uma edição da revista **Diálogo das Letras**, que, no Dossiê que compõe o seu vol. 7, n. 2 (2018), apresenta 13 artigos científicos e uma entrevista, abordando sobre um tema que é atual e também bastante discutido no meio acadêmico: *Gêneros de texto na perspectiva do grupo de Genebra: reflexões teóricas e práticas*. Assim, é com enorme satisfação que convidamos nossos leitores a navegar, ler e usufruir das profícuas reflexões reunidas neste volume da revista.

Considerando questões epistemológicas e práticas do ensino de língua, via gênero textual, na perspectiva defendida pelo Grupo de Genebra, representados pelos didaticistas Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz, reunimos textos inéditos, versando sobre o objeto de ensino (com foco na leitura, na oralidade e na escrita), a formação e a prática docente, os multiletramentos, as orientações curriculares e os materiais didáticos voltados ao ensino das práticas de linguagem, tanto no nível básico, quanto no superior. De modo geral, buscamos traçar um perfil do atual papel do ensino e da aprendizagem da linguagem/língua e da pesquisa no campo universitário, bem como sua relação com o ensino de linguagem na escola.

Fundamentados em uma abordagem bakhtiniana (2010), considerando a dialogicidade da linguagem e os gêneros como *tipos relativamente estáveis de enunciados*, a Escola de Genebra vem há mais de 30 anos investigando de que modo esses instrumentos podem ser

¹ Professor catedrático na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (PASE) da Universidade de Genebra. Em parceria com Schneuwly, coordena o GRAFE (*Groupe de recherche pour l'analyse du français enseigné*), dirigindo pesquisas sobre a formação de professores e o ensino do oral na Suíça romanda. Université de Genève. Uni Mail, 40 bd du Pont-d'Arve, CH – 1205 Genève 4, Suisse, e-mail: Joaquim.Dolz-Mestre@unige.ch

² Professor catedrático na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (PASE) da Universidade de Genebra (hoje aposentado). Graduiu-se em Psicologia Genética Experimental e fez Doutorado em Ciências da Educação. Juntamente com Dolz, coordena projetos de pesquisa do GRAFE. Université de Genève. Uni Mail, 40 bd du Pont-d'Arve, CH – 1205 Genève 4, Suisse, e-mail: Bernard.Schneuwly@unige.ch

³ Doutora em Educação pela Universidade São Francisco (USF) e professora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco (USF). Itatiba-SP, Brasil, e-mail: milena.moretto@yahoo.com.br.

⁴ Doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), com Pós-doutorado em Didática das Línguas na Escola de Genebra, na UNIGE. Professora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas-RS, Brasil, e-mail: cleideinesw@yahoo.com.br

didatizados, ou seja, como podem ser abordados enquanto objeto de ensino e de aprendizagem. Tomam essa postura porque consideram o gênero de texto como objeto adequado ao agir social (BRONCKART, 1999), nas mais diversas situações de uso da linguagem. O conhecimento e o domínio dos principais gêneros textuais que circulam em nossa sociedade propiciam o aperfeiçoamento no uso das capacidades humanas de linguagem, sendo, portanto, esse um dos principais objetivos do ensino de língua materna na escola.

Com seus estudos, o grupo genebrino criou o Modelo Didático de Gênero (MDG) para trabalhar com os gêneros de texto - (mega)instrumentos -, apontando a sequência didática (SD) como metodologia adequada a esse ensino na sala de aula. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010, p. 82), a SD consiste em “[...] um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Ela não deve ser vista como uma proposta engessada, mas como uma ferramenta metodológica de apoio para trabalhar as capacidades de linguagem dos alunos, uma vez que, para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010, p. 93-94),

As seqüências didáticas apresentam uma grande variedade de atividades que devem ser selecionadas, adaptadas e transformadas em função das necessidades dos alunos, dos momentos escolhidos para o trabalho, da história didática do grupo e da complementaridade em relação a outras situações de aprendizagem da expressão, propostas fora do contexto das seqüências didáticas. É a partir de uma análise minuciosa da produção inicial que o professor poderá adaptar a seqüência didática à sua turma, a certos grupos de alunos de sua turma, ou ainda, a certos alunos.

A finalidade dessas atividades está em trazer a professores e estudantes subsídios e procedimentos necessários para melhor conhecer e manusear os gêneros e as situações comunicativas das quais eles fazem parte. Nesse sentido, Dolz e Schneuwly (1996, p. 68) explicitam que o trabalho com o gênero é uma proposta válida tanto para o professor, auxiliando-o no processo de ensino, quanto para o aluno, norteadando e facilitando a aprendizagem, pois essa abordagem possibilita que o professor observe e avalie as capacidades de linguagem dos alunos, durante toda a realização do projeto comunicativo, à medida que o profissional realiza anotações para fazer as intervenções didáticas necessárias na aprendizagem. Já para os alunos, por um lado, esse trabalho permite que eles se confrontem com “situações sociais efetivas de produção e leitura de textos e, por outro, [é] uma maneira de dominá-los progressivamente”.

Sob tais condições, ao selecionar o texto/gênero textual como objeto de estudo nas aulas de língua, cabe ao professor abordá-lo como instrumento vivo de interação verbal, quer dizer, esse objeto deve ser trabalhado como um dizer produzido por alguém, em dada situação, para atingir o objetivo de se comunicar com o outro, seja ele presencial ou virtual. No entender de Rojo e Cordeiro (2010, p. 10), “trata-se então de focar, em sala de aula, o texto em seu funcionamento e em seu contexto de produção/leitura, evidenciando as significações geradas mais do que as propriedades formais que dão suporte a funcionamentos cognitivos”.

Com o título *O trabalho com os gêneros textuais acadêmicos em sala de aula: desenvolvimento e transferência de capacidades de linguagem*, Ana Paula Silva Dias e Eliane Gouvêa Lousada ressaltam a importância e a necessidade de se trabalhar com a produção de gêneros acadêmicos na universidade, oferecendo ferramentas para que os estudantes possam se apropriar do uso de tais textos. Apoiando-se no Interacionismo Sociodiscursivo para analisar textos, nos estudos de Schneuwly e Dolz para efetuar a didatização dos gêneros e de Kleiman para lidar com o letramento acadêmico, as autoras apresentam os resultados de um curso de escrita acadêmica, cujo objetivo foi transferir capacidades de linguagem no trabalho realizado com o resumo. Para tanto, analisam os resultados obtidos com a atividade de escrita em que os estudantes retextualizam o gênero *résumé* em *note de lecture*.

No artigo *Os mecanismos enunciativos na produção de leitura de uma crônica por uma agente-leitora universitária*, Fabíola Mônica da Silva Gonçalves e Sandra Patrícia Ataíde Ferreira analisam uma situação de linguagem realizada pela produção de leitura de uma crônica por uma agente-leitora estudante universitária. Com embasamento teórico no Interacionismo Sociodiscursivo, o trabalho centra-se na última camada do folhado textual, visando a trabalhar tanto a discursividade quanto os sentidos produzidos na interação com o texto. O posicionamento enunciativo foi estudado a partir da regência das vozes manifestadas no texto, podendo expressar diferentes avaliações sobre os aspectos do conteúdo temático veiculado nesse instrumento de mediação. Mediante uma pesquisa qualitativa, as autoras entrevistam uma acadêmica do curso de Pedagogia de uma universidade federal, constatando que ela foi capaz de efetuar uma leitura (uma compreensão) ativa, colaborativa e crítico-reflexiva, estabelecendo relação entre autor, texto e leitor. Segundo as estudiosas da linguagem, os resultados de sua pesquisa comprovam que ler é um ato bem mais complexo do que simplesmente decodificar, pois implica a ação de compreender os sentidos veiculados, fazendo associações com as práticas históricas, ideológicas e socioculturais.

Por entender que os estudos sobre os gêneros orais não vêm recebendo a devida importância nas escolas, mas principalmente no ensino superior, Silvana Silva e Célia Pelegrini Della Mía direcionam sua pesquisa para investigar sobre o texto falado. Assim, com o título *Avaliação de gêneros orais: critérios em debate*, as autoras elaboraram um questionário para refletir sobre a avaliação da produção de textos orais no meio universitário. Tomando a noção bakhtiniana como base, Silva e Mía formularam questões, que foram respondidas via *online*, com vistas a entender a percepção que os acadêmicos têm sobre os critérios adequados para avaliar os textos orais, mais especificamente os gêneros entrevista, debate regrado e seminário com arguição. Seguindo orientações de Normand, as autoras tomam os falantes como fonte para realizar uma análise linguística, buscando pistas, marcas apropriadas para avaliar a comunicação oral, com vistas a estabelecer parâmetros passíveis de avaliação dos gêneros orais em estudo.

Também com foco no ensino do gênero oral, Ana Elisa Jacob, Kátia Diolina e Luiza Bueno discutem sobre o tema, apresentando um procedimento didático para trabalhar com o gênero debate regrado enquanto prática social. Sob o título *O ensino do gênero debate regrado: por práticas escolares democráticas e críticas*, as autoras elaboraram uma sequência didática, buscando desenvolver as capacidades de linguagem necessárias à apropriação desse gênero, com base em uma formação crítica e democrática. As pesquisadoras fundamentam o procedimento teórico-metodológico no Interacionismo Sociodiscursivo, na Didática das Línguas da Escola de Genebra e nos postulados de Freire. Justificam a importância da pesquisa no fato de que os esforços direcionados a um ensino democrático e crítico nas escolas brasileiras ainda enfrentam muitos problemas e desafios, os quais podem ser amenizados, ou mesmo sanados, com propostas de ensino por meio de gêneros de texto, de modo especial, pelo debate regrado, uma vez que o estudo desse gênero possibilita práticas escolares questionadoras e flexíveis, dando voz aos alunos.

Na sequência, o artigo *Pela necessidade de trabalhar a oralidade na sala de aula*, de Ana Maria de Mattos Guimarães e Joseane de Souza, reforça a ideia de que os gêneros orais, inclusive os formais, devem ser estudados nas aulas de português no ensino básico, especialmente nos anos iniciais de escolarização. Ao definir a linguagem como interação, as autoras fundamentam sua pesquisa nas perspectivas teóricas do Interacionismo Sociodiscursivo e da Análise da Conversa Etnometodológica, analisando dados de práticas de interação na sala de aula, a partir de gravações realizadas durante um projeto de formação docente, realizado entre os anos de 2011 e 2014. Durante a proposta de formação foi criado o

Projeto Didático de Gênero (PDG), que teve como base as SDs e os Projetos de Letramento, os quais são bastante conhecidos e amplamente divulgados em outras publicações. Dentre os PDGs desenvolvidos nessa formação docente, Guimarães e Souza elegeram a entrevista oral para trabalhar no referido artigo, analisando as interações produzidas por uma determinada aluna, à medida que comparam sua produção inicial, final e pós-final. Finalizam o estudo refletindo sobre a trajetória da aluna, apontando peculiaridades no ensino do gênero oral entrevista.

Já Vera Lúcia Lopes Cristóvão e Natasha Artemeva, no artigo *Towards a hybrid approach genre teaching: comparing the swiss and brasilian schools of socio-discursive interactionism and rhetorical genre studies*, tecem uma comparação entre as teorias de três escolas que estudam os gêneros de texto, apontando aspectos que as identificam e também aqueles que as diferenciam em suas abordagens na análise e na pedagogia de gêneros. Esses construtos teóricos são a Escola Suíça do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), a Sociorretórica Norte-Americana (RGS) e a Escola Brasileira do ISD. No entender das autoras, as análises mostram que a Escola Brasileira do ISD se caracteriza como uma extensão do ISD suíço e, como resultado da reflexão, Cristóvão e Artemeva defendem o princípio de que seja efetuado um uso híbrido entre a Escola Brasileira do ISD e a Sociorretórica em aplicações pedagógicas.

Na sequência, o artigo intitulado *Gêneros do discurso e ensino: análise de um livro didático de português*, de Wesley Luís Carvalhaes, analisa as propostas de produção de texto em um livro de Língua Portuguesa, que assume a perspectiva do ensino de gênero e problematiza como essas têm sido apresentadas pelo respectivo material. Após o estudo, o autor chega à conclusão de que o trabalho com o gênero tem se centrado nos aspectos composicionais e a noção de gênero discursivo bakhtiniano se reduzido a um enfoque instrumental.

Em *Didatização da produção textual em livro didático de língua portuguesa para o ensino médio*, Eliana Merlin Deganutti de Barros, Adair Vieira Gonçalves e Gabriela Martins Mafra têm como objetivo analisar a planificação do processo de ensino da produção textual escrita na coleção didática “Português: Linguagens em Conexão”, destinada ao Ensino Médio, tomando como objeto de análise três capítulos destinados ao gênero “artigo de opinião”. Fundamentando-se na proposta das SDs dos didaticistas de Genebra, após a análise do material, os autores chegam à conclusão de que, embora o encarte da coleção denominado “Assessoria Pedagógica” assumira também essa perspectiva para a produção escrita, as

atividades parecem não corresponder ao que se propõem os autores genebrinos, uma vez que a coleção apresenta uma sequência de atividades que estão centralizadas no texto como unidade de ensino e utilizam apenas alguns princípios das SDs como a revisão e reescrita textual.

Já no artigo *Capacidades de linguagem desenvolvidas em estudantes do ensino médio a partir de uma dinâmica de produção de textos focada no ENEM*, Milena Moretto e Cleide Inês Wittke analisam as capacidades de linguagem que foram desenvolvidas por estudantes do Ensino Médio, a partir da aplicação de uma sequência didática que tinha como propósito prepará-los para prestarem o Exame Nacional do Ensino Médio. Fundamentando-se nos pressupostos teórico-metodológicos da perspectiva didática da escola de Genebra, analisam a produção inicial e final de um sujeito participante da pesquisa e chegam à conclusão de que os estudantes desenvolveram capacidades relacionadas tanto aos aspectos linguísticos quanto discursivos.

Em *Escrita processo e gêneros textuais argumentativos: uma possibilidade de articulação teórico-metodológica para o trabalho com o texto na escola*, Patrícia dos Santos e Vaima Regina Alves Motta realizam uma investigação sobre o trabalho com a produção escrita argumentativa em um 2º ano do Ensino Médio, a partir do viés da escrita processo. Apoiando-se na concepção de gêneros por agrupamentos apresentados pelos didaticistas de Genebra e no enquadramento de trabalho do Process Writing, realizaram com a turma oficinas de produção textual em que obtiveram uma sequência de três escritas sobre um mesmo assunto. Após analisar os textos, as autoras enfatizam terem havido avanços significativos na competência linguística dos participantes.

Já no artigo *A escrita processual do gênero textual carta de reclamação no ensino fundamental*, Ana Paula Martins Alves, Mônica de Souza Serafim e Marílio Salgado Nogueira têm por objetivo investigar o processo de apropriação do gênero carta de reclamação, a partir de uma SD aplicada a alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, em uma escola de Fortaleza. Pautados na perspectiva de Schneuwly e Dolz e de Boissinot, buscam identificar os elementos constituintes do gênero, bem como a progressão temática. Após a análise das produções realizadas pelos estudantes, os autores chegaram à conclusão de que na transição da produção inicial para a final houve um aprimoramento na progressão temática no texto produzido pelos redatores, além de uma adequação das reclamações feitas.

Na sequência, no artigo *A sequência didática para o ensino e aprendizagem da produção de gêneros escritos: reflexões sobre avaliação formativa e regulação*, Fatiha Dechicha Parahyba e Eulália Leurquin discutem sobre o papel da avaliação formativa e da

regulação no dispositivo SD, considerando o contexto de ensino e aprendizagem da escrita na formação do professor de línguas. Para isso, realizam uma pesquisa a partir de uma disciplina denominada “Compreensão e produção textual na língua inglesa”, ofertada no último período de graduação do Curso de Letras - Inglês da Universidade Federal de Pernambuco. O gênero selecionado para o estudo foi o Trabalho de Conclusão de Curso e o artigo acadêmico. Após a análise, as autoras ressaltam a importância da intervenção do professor na mediação no processo da produção escrita, bem como a relevância do trabalho com a avaliação formativa e a regulação de maneira sistemática, uma vez que esses procedimentos potencializam a aprendizagem da escrita e a apropriação dos saberes.

Por fim, em *Sequência didática: procedimento eficaz na alfabetização e letramento no primeiro ciclo do ensino fundamental*, Cícera Alves Agostinho de Sá discute como o trabalho com SDs pode contribuir para a consolidação dos processos de alfabetização e letramento das crianças. Para isso, a autora realiza uma análise das produções de texto – reescrita do gênero fábula e conto fantástico - que foram disponibilizados pela formadora da rede municipal de Porteiras, no CE. Após essa análise, Sá resalta que a SD se constitui como um procedimento eficaz para o desenvolvimento das habilidades previstas para o ciclo, uma vez que, das 262 crianças matriculadas no 1º ano do Ensino Fundamental, 94 delas, ao final do 3º bimestre, demonstraram que tinham desenvolvido as habilidades básicas de leitura e escrita.

Além dos artigos supracitados, temos a honra de socializar com a comunidade acadêmica uma entrevista com uma das autoras brasileiras vista como referência quando falamos de ensino de línguas por meio de gêneros de texto, especialmente no construto teórico abordado neste Dossiê. Sob o título *O trabalho com os gêneros na perspectiva do Grupo de Genebra: entrevista com Eliane Lousada*, a pesquisadora discorre acerca de aspectos teóricos e metodológicos fundamentais ao ensino de línguas a partir de gêneros textuais, bem como sobre os efeitos dessa abordagem na formação inicial e continuada dos professores de línguas estrangeiras e materna. De modo geral, o diálogo com Lousada descreve o panorama atual e a influência que os estudos da Escola de Genebra exercem na pesquisa e no ensino brasileiro, tanto no nível básico quanto no superior.

Antes de concluir, não poderíamos deixar de agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, se envolveram na produção do presente Dossiê da revista: autores, pareceristas, editores e revisores. Cabe ainda um agradecimento especial ao Professor Doutor José Cezinaldo Rocha Bessa, editor geral, pelo convite e por todo o apoio dado ao longo do período de organização do periódico. Essa experiência possibilitou novos contatos, muitas

reflexões e um diálogo bastante produtivo entre professores de todo o Brasil, praticamente do Oiapoque ao Chuí, interligando também os pesquisadores brasileiros com os suíços da Escola de Genebra.

Referências

BAKTHIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sociodiscursivo. 2ª ed. São Paulo: EDUC-PUCSP, 1999.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Genres et progression en expression orale et écrite: éléments de réflexions à propôs d'une expérience romande**, Emjeux, 1996.

ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. Apresentação – Gêneros orais e escritos como objeto de ensino: modo de pensar, modo de fazer. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras [2004] 2010, p. 7-16.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, [2004] 2010.

SCHNEUWLY, B.; NOVERRAZ, M.; DOLZ, J. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras [2004] 2010, p. 81-108.

Boa leitura!

Pau dos Ferros, RN, outubro de 2018.